

O ROLEX DE OURO

Um rapazito franzino e engelhado nasceu aí pelos anos trinta, numa família muito pobre do Pecegueiro (assim mesmo, com c), uma terriola perto da Pampilhosa. Feita a terceira classe, veio aos 10 anos para Lisboa, empregando-se numa mercearia da Baixa. O seu trabalho era carregar às costas caixotes de batatas, fruta, sabão, arroz e massa pelas escadas de serviço acima, onde criaditas empertigadas lhe abriam a porta da cozinha - Vens atrasado, não sabes que horas são? Põe aí e põe-te a andar! Ele desandava, que remédio, roendo juras, - quando for rico hei-de comprar um relógio com corrente de ouro para saber sempre a quantas ando!

Tanta escada subiu que um dia aconteceu mesmo. O patrão morreu, os filhos, uns estróinas, venderam a mercearia ao desbarato, que o marçano comprou ao preço da uva mijona. (Até aqui é, sem tirar nem pôr, a história igualzinha à do Severino Zambujeira d' O MILAGRE SEGUNDO SALOMÉ).

O meu marçano aumentou o negócio criou a empresa MONTEFLOR e viu-se a fornecer os navios da carreira das Áfricas com batatas, arroz e massa, sem ter de alombar com os sacos às costas. Outros alombavam por ele.

Casado com uma espanhola, sem filhos, pediu ao irmão taxista que lhe desse a filha, uma boca a menos lá em casa.

A jovem frequentava a Faculdade de Letras nos anos sessenta e era das poucas que ia de carro para a faculdade. Um Dauphine, pois então, dizia o tio, vais melhor aparelhada do que as outras, agora que sou rico!

Conheci muito bem esta sobrinha, já idosa. Foi em casa dela que, em cima de uma mesinha, vi um postal ilustrado sem envelope. Era o tio que lhe escrevia do Rio de Janeiro: «Estou aqui na esplanada do Copacabana Palace a ver as horas no meu Rolex de ouro, pois então!».

A sobrinha apanhou o meu pensamento e traduziu-o em voz alta:

«Foi pobre toda a vida. Nunca percebeu que sinais exteriores de grande riqueza são sinais exteriores de passada pobreza.»

De grandes complexos de inferioridade, acrescentei, sorrindo...